

O Forte de São Bruno foi construído em duas fases, o que provavelmente derivou da urgente necessidade da sua construção. O conjunto final, cuja representação mais antiga aparece representada por João Tomás Correia no seu *Livro de Várias Plantas Deste Reino* de 1736, apresenta-se como um dos mais belos exemplares da arquitectura militar da Restauração. Apresenta uma planta em forma de estrela, com um traçado rectilíneo em que prevalece a funcionalidade sobre a ornamentação. Obedece às regras do traçado abaluartado, pensado para ataque e defesa de profundidade escalonado e para cruzar fogo com os fortes vizinhos aumentando assim a eficácia militar. Implantado sobre um afloramento rochoso está bem adaptado ao terreno que o sustenta. Apresenta-se em bastante bom estado de conservação e mantém na íntegra o seu traçado original.

Na primeira fase, 1647, foi construída a Casa Forte de planta rectangular, orientada no sentido Norte – Sul, constituída por uma praça baixa após a porta principal na fachada Norte e que dá acesso a duas Casamatas abobadadas e ainda a outras duas pequenas dependências, cuja funcionalidade original não está ainda clarificada. Desde esta praça baixa acede-se por escadas à praça de armas e Bateria Marítima orientada a Sul. Este espaço foi o que sofreu mais alterações ao longo do tempo, em consequência das suas diversas utilizações. Originalmente apresentava 8 canhoneiras abertas nos muros: quatro orientadas para o Rio e duas dispostas em cada lado, orientadas para as praias vizinhas. No início do séc. XX, a instalação de um posto da Guarda-fiscal levou ao encerramento das canhoneiras e à construção de um edifício que veio ocupar toda a metade poente desta praça alta. Esta construção foi posteriormente demolida aquando da intervenção de salvaguarda desta fortaleza em 1999/2000.

Desde a bateria marítima acede-se ainda por dois lances de escadas às duas baterias superiores terrestres que estão situadas simetricamente sobre as duas casamatas abobadadas e unidas por uma varanda de tiro que protegia a praça baixa. Nestas duas baterias superiores vemos ainda as canhoneiras apontadas a terra e às praias vizinhas. Os dois cunhais Norte deste conjunto apresentam ainda duas guaritas salientes, de linhas quadrangulares e de cobertura piramidal.

Numa segunda fase de construção, em data desconhecida mas certamente próxima do final do séc. XVII ou dos inícios do séc. XVIII, foi construído o conjunto do perímetro exterior constituído pelas duas baterias laterais rasantes situadas simetricamente a nascente e a poente da casa forte e os dois semi-baluartes virados a terra com o portão de acesso exterior ou porta do redente. Ao atravessar esta porta do redente encontramos-nos frente à porta principal da casa forte. Para nascente e poente, os dois

semi-baluartes são complementados por balcões de tiro de mosquete que acompanham toda a extensão dos muros virados a terra. As baterias laterais rasantes apresentam formas abaluartadas, desenho tenalhado e canhoneiras abertas nos seus muros que foram inicialmente acasamatadas. O seu número terá variado e no extremo sul da bateria de poente foi construída uma habitação que terá servido inicialmente no final do séc. XVIII como alojamento para o comandante da guarnição e posteriormente como residência de civis. Esta estrutura foi também demolida durante a intervenção de 1999-2000, da responsabilidade da Câmara Municipal de Oeiras.

Foi possível devolver ao forte o seu traçado primitivo, com a excepção das canhoneiras na bateria superior marítima que não foram repostas, para proteger o monumento das investidas do mar.